

What's in a name?

Algumas notas sobre etimologia e literatura

Cristina Abranches Guerreiro

Tendo por público privilegiado os que habitualmente procuram entender e traduzir os textos da Hélade, um dicionário de grego não é apenas um instrumento filológico de inestimável valor para decifrar um código linguístico. Na composição das palavras residem, por vezes, pistas de análise literária, alicerçadas na multiplicidade de sentidos ou em referências etimológicas que permitem associar à leitura novos matizes.

Evidenciando a correspondência entre os nomes de algumas personagens e a sua história, as entradas lexicais dos antropónimos seleccionados para esta breve comunicação figuram entre os inúmeros exemplos do contributo de um dicionário de grego para a interpretação de um texto literário.

1. Ἄδραστος / Ἄδρηστος (Hdt. I, 41-45)

Trineto de Giges (que pelo regicídio de Candaules ascendeu ao trono da Lídia¹), Creso viria a sofrer a punição divina vaticinada pelo oráculo de Delfos². A morte de Átis, o seu filho dilecto, é o primeiro sinal do inexorável destino: procurando salvar o príncipe da morte em sonhos anunciada³, Creso confia-o à protecção de Adrasto - o homem que, por ironia da sorte, inadvertidamente lhe virá a infligir o golpe fatal e que, pesaroso, se entrega ao rei, disposto a expiar esse crime⁴.

Etimologicamente relacionado com o adjectivo ἄδραστος (lit. “aquele que não foge”: α- ; διδράσκω - correr, fugir), o antropónimo masculino Ἄδραστος / Ἄδρηστος designa efectivamente, no texto de Heródoto, um homem que não procura fugir e que se apresenta ao monarca lídio após o homicídio de Átis. Mas, enquanto executor da morte

¹ Hdt. I, 8-13.

² Hdt. I, 13; 91.

³ Hdt. I, 34.

⁴ Hdt. I, 41-45.

em sonhos profetizada a Creso, Adrasto é também o agente do destino inelutável, a que nenhum mortal pode eximir-se.

Ἀδράστεια νέμεσις é um provérbio que se aplica à trágica história do famoso rei da Lídia, cuja felicidade se converte em desgraça⁵. No auge da prosperidade de Sárdis, convicto da sua εὐδαιμονίη Creso perguntou a Sólon quem era o mais venturoso (ὀλβιώτατος) dos homens (Hdt. I, 30-32). Com uma frase lapidar acerca da vida humana, o filósofo contrariou a ὕβρις do soberano: πᾶν ἐστι ἄνθρωπος συμφορῆ (Hdt. I, 32) – “em tudo o homem é fruto das circunstâncias”⁶. Possuir riquezas não significa felicidade (ὀλβιώτερος não é sinónimo de ὁ μέγα πλούσιος⁷); só pode ser considerado feliz quem completar da melhor forma uma existência afortunada. “É necessário examinar o fim de todas as coisas (...). Já a muitos a divindade mostrou a felicidade, para depois lhes inverter por completo a situação”⁸. Ilustrando a disparidade de conceitos sustentados pelas duas personagens, o diálogo é percorrido pela oposição entre εὐτυχής (feliz, com sucesso, bem sucedido, afortunado), εὐδαίμων (feliz, por ter os deuses a seu favor) e ὄλβιος (feliz, beato, próspero, rico, feliz pela riqueza, pelos bens materiais).

Despojado de poder e riqueza, só na iminência da morte, sobre a pira a que Ciro o condena, Creso parece entender a mensagem de Sólon acerca da felicidade⁹. E as palavras do filósofo ecoarão de novo no seu espírito, pouco antes do derradeiro combate de Ciro contra os Masságetas: perante a excessiva confiança do monarca persa, lembre-lhe a instável roda da fortuna, que não permite aos homens uma perene ventura – οὐκ ἔῃ τοὺς αὐτοὺς εὐτυχέειν (Hdt. I, 207).

⁵ Acerca deste provérbio, v. o comentário de Zenóbio (I, 30), Macário (I, 28) e Apostólio (I, 31), in *Corpus Paroemiographorum Graecorum*, ed. E. L. Leutsch-F. G. Schneidewin, Hildesheim, Georg Olms, 1958-1961, vol. I, II.

⁶ Das acepções do substantivo συμφορά (conjunção de eventos, circunstâncias, acaso, desgraça), a tradução proposta parece ser a que melhor se coaduna com as explicações de Sólon acerca do destino humano e da noção de felicidade.

⁷ P. Chantraine, *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque*, Paris, Klincksieck, 1999, s.u. ὄλβιος, propõe para este vocábulo a tradução de felicidade material e de prosperidade concedida pelos deuses aos homens, opondo-o a πλοῦτος (que designa a riqueza).

⁸ Hdt., I, 32.

⁹ Hdt. I, 86-91; cf. Diod. IX, 33-34; Xen., *Cyr.*, VII, 2, 15-21; Nic. Dam. - Felix Jacoby, *Die Fragmente der Griechischen Historiker*, Leiden, E. J. Brill, 1954-1963, vol. II, pp. 370-373,

2. Ἀρίστεας (Hdt. IV, 13-15)

Consciente da aura lendária do poeta Arístreas, Heródoto refere (IV, 13-15) que, possuído por Febo, ele deambulou pela mítica região dos Hiperbóreos e dos Arimaspos; sete anos depois de todos o considerarem morto, reapareceu no Proconeso, compôs um poema sobre os Arimaspos e voltou a desaparecer; duzentos e quarenta anos mais tarde, regressou para ordenar aos Metapontinos que erguessem um altar a Apolo e junto dele uma estátua em sua memória: eles eram o único povo itálico a que Apolo se dignara aparecer até então e ele próprio acompanhara o deus nessa visita, sob a forma de um corvo. Por recomendação do oráculo de Delfos, tal pedido teria sido satisfeito: junto do monumento consagrado a Apolo, Heródoto declara ter visto uma estátua identificada com o nome de Arístreas.

Etimologicamente relacionado com o superlativo ἄριστος (elemento de composição ocorrente em nomes próprios como Aristarco, Aristóteles, Aristófanes, Aristeu)¹⁰, o antropónimo Arístreas (lit. “o mais forte, o mais nobre, o melhor”) ajusta-se ao carácter sobrenatural desta personagem, sublinhando a excelência e a singularidade que lhe granjearam a fama¹¹.

3. Ἀρίων (Hdt. I, 23-24)

Identificado pela *Suda* como um discípulo de Alcman, cujo *floruit* terá decorrido por volta da 38ª olimpíada (628-625 a.C.), o lendário Aríon de Metimna (miraculosamente salvo da morte por um golfinho, que o levou no dorso até ao Ténaro) foi, nas palavras de Heródoto (I, 23) “o mais exímio citaredo do seu tempo e o primeiro, de todos os homens que conhecemos, a compor um ditirambo, a dar-lhe esse nome e a ensiná-lo em Corinto”.

frag. 68; C. Müller, *Fragmenta Historicorum Graecorum*, Paris, Firmin-Didot, 1928, vol III, pp. 406-409.

¹⁰ P. Chantraine, *op. cit.*, s.u. ἀρείων, ἄριστος.

¹¹ A *Suda* (s.u. Ἀρίστεας) apresenta Arístreas como autor de dois poemas, intitulados Ἀρμάσπεια e Θεογονία. Ao falar dos Arimaspos, Plínio (*HN*, VII, 10) toma por fonte Heródoto e Arístreas. Dionísio de Halicarnasso (*Tuc.23*) inclui Arístreas do Proconeso entre os predecessores de Tucídides cujos escritos não resistiram ao tempo. Aulo Gélio (IX, 4, 3) insere-o entre os autores de obras gregas repletas de maravilhas, indignas de grande crédito. A viagem do poeta à terra dos Hiperbóreos é referida por Teopompo (F. Jacoby, *op. cit.*, vol. II B, nº 115, pp. 588-589, frag. 247-248; cf. vol. I A, nº 35, p. 259). A sua digressão após a morte e a saída da sua alma sob a forma de corvo figuram em Plínio (*HN*, VII, 174), a propósito do modo como certas almas deixam os corpos em letargia.

Etimologicamente associado a ἀρείων¹², comparativo de ἀγαθός (lit. “melhor, mais forte, mais bravo”), o nome próprio Aríon parece sugerir a grandiosidade de um homem que se converteria num imortal exemplo do poder da arte¹³.

4. Ἄρπαγος (Hdt. I, 98; 110; 117-119)

Na versão da história de Ciro narrada por Heródoto, Hárpago é o homem de confiança a quem Astíages incumbe de matar o neto recém-nascido (I, 98): é ele quem o leva e o entrega a um boieiro, para que o exponha nas montanhas (I, 110). A misericórdia do pastor salva a vida da criança, contrariando a vontade do soberano. Duramente castigado por não ter cumprido as ordens recebidas, Hárpago (I, 117-119) procura vingança, incitando Ciro a destronar o avô (I, 123-124).

Etimologicamente relacionado com o verbo ἀρπάζω (arrebatar) e com os substantivos comuns ἀρπαγή (rapina) e ἄρπαξ (ladrão), o antropónimo masculino Ἄρπαγος parece sublinhar o papel desempenhado pela personagem na narrativa de Heródoto: o homem que falhou na missão de roubar a vida a Ciro, arrebatará afinal a Astíages o seu mais precioso bem (o poder), ao persuadir o jovem príncipe a revoltar-se contra aquele que um dia lhe desejara a morte.

5. Βάπτος (Hdt. IV, 155)

Entre as lendas sobre a origem de Cirene, Heródoto (IV, 155) refere que foi no santuário de Delfos que a fundação da cidade foi proposta a Bato, quando este decidiu consultar o oráculo acerca da sua gaguez: a tradição associaria, pois, o antropónimo ao adjectivo βάπτος (gago) e ao verbo βατταρίζω (gaguejar)¹⁴. A propósito de uma estátua do fundador de Cirene ofertada ao santuário de Delfos, à mesma relação etimológica alude Pausânias (X, 15, 6-7), ao comentar que ele se teria curado da gaguez, ao gritar de susto, a plenos pulmões, por ver um leão nas imediações da cidade.

¹² Cf. W. Pape- G. Benseler, *Wörterbuch der Griechischen Eigennamen*, Graz, Akademische Druck- u. Verlagsanstalt, 1959, s.v. Ἀρείων; P. Chantraine, *op. cit.*, s.u. ἀρείων.

¹³ Cf. Paus. III, 25, 7; IX, 30, 2; Cic., *Tusc.*, II, 27, 67; Virg., *Buc.*, VIII, 55-56; Serv., *Comm. in Verg. Buc.*, VIII, 55-56; Hyg., *Fab.*, 194; Hyg., *Astr. Poet.*, II, 17, 3; Prop., II, 26, 17-18; Ov., *Fast.*, II, 79-118; Sil. Ital., *Pun.*, XI, 440-448; Mart., VIII, 51, vv. 15-16; Plin., *HN*, IX, 8, 24-28; Quint., *Inst.*, VI, 3, 41-42; C. R. Haines, *The correspondence of Marcus Cornelius Fronto*, London, William Heinemann, 1962, vol. I, pp. 54-58 (Naber, p. 237).

Heródoto (IV, 155) considera contudo mais provável a hipótese de o antropónimo Bato derivar do substantivo comum que entre os Líbios designava o rei: ao ocupar o trono (por volta de 631 a.C.), assim se teria passado a chamar o fundador de Cirene, até então conhecido por outro nome¹⁵. Eventualmente suscitada pela semelhança fonética entre Bato e o vocábulo líbico para “rei”, esta etimologia poderá ter sido criada e difundida pela linhagem dos Batíadas, para sugerir a predestinação do seu antepassado para a realeza, como se os deuses lhe quisessem revelar no nome a missão que lhe estava reservada.

6. Δαρειός ἀρήιος, Ξέρξης ἐρξίης (Hdt. VI, 98)

Nas rubricas ἀρήιος e ἐρξ(ε)ίης, é frequente encontrar nos dicionários de grego¹⁶ o passo em que Heródoto (VI, 98) propõe, na sua língua, vocábulos equivalentes aos antropónimos Dario, Xerxes e Artaxerxes: Δαρειός ἐρξίης, Ξέρξης ἀρήιος, Ἀρταξέρξης μέγας ἀρήιος.

Etimologicamente relacionado com ἔρδω (fazer) ou εἶργω (fechar, excluir, proibir)¹⁷, ἐρξίης (activo, poderoso, vigoroso) é pelo historiador apresentado como tradução grega do nome persa Dario; ἀρήιος (seguidor de Ares, guerreiro, belicoso) seria o vocábulo grego correspondente ao antropónimo Xerxes.

Comentando este passo de Heródoto, Arthur Bernard Cook¹⁸ admite a existência de um erro na tradição manuscrita: se o autor empregou ἐρξίης, termo raro, para sugerir a etimologia do nome de um dos três reis persas, será mais plausível admitir que o tenha associado ao nome de Xerxes, pela semelhança fonética – Δαρειός ἀρήιος, Ξέρξης ἐρξίης, Ἀρταξέρξης κάρτα ἐρξίης. Idêntica é a lição proposta por Giuseppe Nenci:

¹⁴ P. Chantraine, *op. cit.*, s.u. βατταρίζω e Βάττος, refere que o antropónimo Bato recebeu, entre outras interpretações, a de τραῦλος καὶ ἰσχιόφωνος (alusão à gaguez).

¹⁵ O historiador não refere qual teria sido esse outro nome. Píndaro (*Pyt.*, V, 116) atribui-lhe o nome de Aristóteles; Diodoro (VIII, 29, 1) comenta que Aristóteles, fundador de Cirene por determinação de um oráculo, era vulgarmente chamado Bato. Estrabão (XVII, 3, 21) apenas designa o fundador da cidade pelo antropónimo Bato. Cf. *Suda*, s.u. Βάττος.

¹⁶ Cf. A. Bailly, *Dictionnaire de Grec-Français*, Paris, Hachette, 1950; H. G. Liddell- R. Scott - S. Jones, *A Greek-English Lexicon*, Oxford, Clarendon Press, 1996; F. Montanari, *Vocabolario della Lingua Greca*, Turin, Loescher Editore, 1995, s.u. ἀρήιος e ἐρξ(ε)ίης.

¹⁷ Cf. H. G. Liddell- R. Scott - S. Jones, *op. cit.* e A. Bailly, *op. cit.*, s.u. εἶργω.

¹⁸ Arthur Bernard Cook, “Nomen Omen”, *CR*, XXI, 1907, p. 169.

Δαρεῖος ἀρήιος, Ξέρξης ἐρξίης, Ἀρταξέρξης μέγας ἐρξίης (“Dario il bellicoso, Serse il guerriero, Artaserse il gran guerriero”)¹⁹.

Derivados do Antigo Persa, os três antropónimos parecem significar algo diferente. Dario corresponde a uma forma abreviada de *Darayavaus*, com o sentido de “possuidor de bens”²⁰, “detentor do bem”²¹, epíteto que se coaduna com a atitude que assume no debate constitucional (Hdt. III, 82) – a vontade de preservar tudo o que de bom existe nas antigas instituições, entre as quais se encontra a monarquia²². Xerxes advém de *Xsayarsa*, “soberano entre os homens”²³, mas a tradição grega parece ter substituído “homens” por “guerreiros” e Xerxes tornou-se “o chefe dos guerreiros”, ou simplesmente “o guerreiro” (ἀρήιος)²⁴– antropónimo que se ajusta ao invasor da Hélade, como um indício da missão bélica que lhe estava predestinada. O nome Artaxerxes (do antigo Persa, *Rtaxsaca* – “a verdade do império”), a que Heródoto atribui o significado de μέγας ἀρήιος (VI, 98), poderá ser explicado como um composto grego, formado a partir de Xerxes, com o elemento ἀριστο-²⁵.

7. Κυνώ (Hdt. I, 110; 122)

Na versão da lenda conservada por Heródoto, Ciro cresceu longe da família, como filho adoptivo de um pastor cuja mulher “teria em grego o nome de Cino (Κυνώ), uma vez que se chamava Espaço (Σπάκω) na língua dos Medos, em que *cadela* se diz *spako*” (Hdt. I, 110). De regresso à terra natal, ao recordar a sua infância, o jovem príncipe teria muitas vezes proferido o nome de Cino (Κυνώ); mas, “para que a salvação de Ciro parecesse obra divina, os pais espalharam a notícia de que ele tinha sido exposto e alimentado por uma cadela” (Hdt. I, 122).

¹⁹ Erodoto. *Le Storie*, Milano, Fondazione Lorenzo Valla / Mondatori Editore, 2000, vol. VI, pp. 106-107.

²⁰ Hans Schmeja, “Dareios, Xerxes, Artaxerxes - drei persische Königsnamen in griechische Deutung (zu Herodot 6, 98, 3)”, *Sprache*, XXI, 1975, p. 184.

²¹ R. Schmitt, “Die Verfassungsdebatte bei Herodot 3, 80-82 und die Etymologie des Dareios-Namens”, *Historia*, XXVI, 1977, p. 244.

²² *Idem, ibidem*, p. 244.

²³ Hans Schmeja, *op. cit.*, p. 184. G. Rawlinson (*History of Herodotus*, London, John Murray, 1862, p. 560) sugere “venerável rei”.

²⁴ Hans Schmeja, *op. cit.*, p. 185.

²⁵ *Idem, ibidem*, p.186.

Reproduzindo a etimologia proposta por Heródoto, os dicionários associam o antropónimo Κυνώ aos substantivos comuns κυνώ ou κύων²⁶.

8. Κύπελος (Hdt. V, 92 δ)

Na lenda de Corinto, a predestinação de Cípselo ao trono é vaticinada pelo oráculo de Delfos (Hdt. V, 92): Labda, esposa de Eécion, dará à luz uma pedra que arrasará os oligarcas de Corinto²⁷. Para impedir que estes matem o recém-nascido cujo poder os ameaça, a mãe decide escondê-lo num local imprevisto – ἐς κυπέλην (Hdt. V, 92 δ). Pausânias (V, 19, 10) declara ter visto em Olímpia, o esconderijo de Cípselo – um λάρναξ de cedro (um cofre ou um berço), que os seus pais teriam oferecido ao santuário, em acção de graças, com uma inscrição do poeta Eumelo; acrescenta ainda (V, 17, 5) que tinha sido dado à criança um nome derivado de κυπέλη, vocábulo coríntio equivalente a λάρναξ²⁸. Filiando na tradição popular o jogo etimológico entre o antropónimo e o substantivo grego κυπέλη (vaso, jarra, cofre, colmeia, cera, ninho arredondado de andorinha)²⁹, G. Roux e S. Cost³⁰ sublinham a proximidade fonética do nome com o substantivo κύπελος ou κυπέλλος, que designa uma ave cipsélida semelhante à andorinha, conhecida por *hirundo rupestris*, que faz nas rochas o seu ninho, em forma de colmeia³¹.

9. Σωφάνης (Hdt. IX, 73-74)

Entre os Atenienses que maior glória alcançaram em Plateias, Heródoto (IX, 73-74) destaca Sófanēs, natural do demo de Decelia. A sua notável coragem no campo de batalha foi recriada por uma lenda (eventualmente inspirada numa divisa pintada no seu

²⁶ H. G. Liddell- R. Scott - S. Jones, *op. cit.*, s.u. κυνώ, associam a este substantivo comum o antropónimo Κυνώ; A. Bailly, *op. cit.*, s.u. Κυνώ atribui a este nome próprio feminino o sentido de “la chienne”, relacionando-o etimologicamente com κυνώ; P. Chantraine, *op. cit.*, s.u. κυνώ, refere, entre os derivados deste termo, o antropónimo Κυνώ.

²⁷ Cípselo reinou em Corinto entre 657 e 627 a.C, depois de destronar os Baquíadas. Cf. Strab. VIII, 6, 20; Paus. II, 4, 4.

²⁸ Num dos seus discursos, Díon Crisóstomo (XI, 1, 179) alude à mesma oferenda, admitindo que o próprio Cípselo a tenha consagrado ao santuário, em acção de graças. Plutarco (*Mor.* 163 f -164) narra a miraculosa salvação, acrescentando que o herói mandou edificar um templo em Delfos, para agradecer o auxílio divino.

²⁹ P. Chantraine, *op. cit.*, s.u. κυπέλη.

³⁰ G. Roux, “Où avait-on caché le petit Kypselos?”, *REA*, LXV, 1963, pp. 279-289; S. Cost, “Cypselus, the Bacchiad”, *Cph*, LXVII, 1963, pp. 10-30.

³¹ Acerca desta ave, cf. Arist., *HA*, IX, 618, 30a-31; Plin., *HN*, X, 39, 55; Thompson D’Arcy, *A Glossary of Greek Birds*, Hildesheim. Georg Olms, 1966, s.u. κύπελος.

escudo): dizia-se que tão inabalável firmeza advinha da âncora que levava presa à cintura e que apenas içava para correr em perseguição do inimigo.

A etimologia proposta por A. Bailly³² sugere uma estreita relação entre a criação da lenda e o nome do herói: composto pelos elementos σῶς (seguro, infalível, intacto, são) e φαίνω (manifestar), o antropónimo sublinha a coragem de um homem que sempre se mostrou seguro e infalível no confronto com o adversário.

10. Χλόη

Personificação do substantivo comum χλόη (rebento verde, verdura, vegetal, erva) usada como epíteto de Deméter (protectora das sementeiras) ou como nome de mulher, o antropónimo Χλόη figura no dicionário de A. Bailly com o sentido de “a verdura” ou “a verdejante”³³. Na bucólica paisagem do romance de Longo, ganha assim sentido o campestre nome da heroína, como metáfora da delicada frescura de um rebento viçoso, na tenra flor da juventude.

Inspirada em Cloe, uma das personagens de *A Via Sinuosa* (o segundo romance de Aquilino Ribeiro, publicado em 1918) traz também, curiosamente, no nome, a sugestão do ambiente campestre em que se integra. A bela, pura e singela camponesa por quem o jovem protagonista da obra de Aquilino, Libório Barradas, sente o seu primeiro amor, chama-se Celidónia – vocábulo que, como substantivo comum, designa uma planta papaverácea, também conhecida por erva-andorinha.

Mas, ao contrário do romance grego que lhe serve de modelo, sinuoso é o percurso dos afectos do protagonista: a paixão pela casta e simples Celidónia não lhe dá forças para resistir aos encantos de D. Estefânia, uma sofisticada dama da cidade. Na sua biblioteca, sob uma idílica cena de amor bordada numa tapeçaria “uma enorme veladora, no estilo de Beauvais, convidava aos devaneios doces do espírito. E parecia aquele recanto, na grave mansão dos livros, feito para dama em penteador de rendas, perna cruzada e chapim à dependura da ponta do pé, ler a pastoral voluptuosa de um Longo”³⁴. Convite ao amor, é precisamente esta a obra que o jovem Libório associa ao

³² Cf. A. Bailly, *op. cit.*, s.u. Σωφάνης.

³³ P. Chantraine, *op. cit.*, s.u. χλόη, confirma a relação etimológica entre o antropónimo feminino Cloe e o substantivo comum χλόη (“verdure naissante, pousse nouvelle d’un vert clair”).

³⁴ Aquilino Ribeiro, *A Via Sinuosa*, Lisboa, Livrarias Aillaud & Bertrand, 1918, cap. XIII, p. 287.

prelúdio do seu romance com a fidalga, sob os cúmplices olhares do par retratado na tapeçaria: “no dia em que, na doce molície da veladora, D. Estefânia e eu, lendo *Dáfnis e Cloe*, imitámos o lance dos namorados de Trebizonda dos panos de rás.”³⁵

Procurando nos léxicos a resposta à pergunta “What’s in a name?”³⁶, o leitor dos textos gregos supracitados será levado a admitir que um antropónimo literário não é necessariamente uma convenção arbitrária sem sentido. Etimologicamente associados a adjetivos, substantivos comuns ou verbos da língua grega, alguns antropónimos adquirem um novo sentido na economia da narrativa em que se inserem. Em contexto historiográfico ou na prosa de ficção, a coincidência entre o nome de uma personagem e o enredo em que se move poderá advir de dois processos opostos: ou a figura *ex re nomen habet*³⁷ (derivando o antropónimo do carácter ou das peripécias de vida da personagem), ou a intriga é moldada com o intuito de glosar o sentido que o nome próprio sugere – *nomen omen*³⁸, o antropónimo fica assim indissociavelmente ligado ao indivíduo que o ostenta, como as duas faces de uma moeda.

³⁵ *Idem, ibidem*, cap. XIV, p. 308.

³⁶ Shakespeare, *Romeo and Juliet*, II, 2, 1.

³⁷ Ovídio (*Am.*, 1, 8, 2 ss.) comenta com esta expressão a sintonia entre o antropónimo Dipsas (lit. “a sedenta”) e a realidade vivida pela velha embriagada que o ostenta.

³⁸ Plauto (*Pers.*, 625) usa esta expressão a propósito do lucrativo negócio (*lucrum*) propiciado por uma escrava sugestivamente chamada *Lucris*; reinterpretando o nome de Verres à luz da sua reprovável conduta, Cícero (*Verr.*, 2, 6, 18; 4, 95) associa-lhe o substantivo comum *uerres* (porco), num jogo de palavras que serve os interesses da sua acusação.